

## A persistência das vontades na transitoriedade do tempo

Leonor Santos

Este número temático da revista, dedicado à avaliação, ficará para sempre ligado ao meu querido amigo e colega Paulo. Entre os temas da educação matemática que ao longo dos anos com ele discuti e reflecti, a avaliação ocupa um lugar de destaque. Por mais incrível que pareça, é o tema que identifico como o mais constante e permanente no nosso trabalho continuado. Recordo dos tempos do projecto Mat<sub>789</sub>, nos finais dos anos 80, preocupações e linhas de força que desde então partilhámos. Muito embora tenham já decorrido cerca de quinze anos, a actualidade de que ainda se revestem é indiscutível. Aqui ou ali poderemos hoje apontar uma ou outra mudança de terminologia, mas as ideias, no seu essencial, mantêm-se as mesmas. Irei de seguida destacar duas delas, estreitamente relacionadas com o modo como, em conjunto, sempre percebíamos a avaliação.

Encarar a avaliação como parte integrante da aprendizagem é a primeira ideia que sublinho. Isto significa privilegiar a componente reguladora da avaliação, o que foi, e é ainda hoje, um dos maiores desafios subjacentes à avaliação. Se encararmos a aprendizagem como o objectivo primeiro de todo o acto educativo, falar-se na importância da avaliação é necessariamente vê-la como um contributo para essa mesma aprendizagem. Mas levar à prática tal ideia implica mudanças significativas na cultura da escola e da sala de aula. Tais mudanças passam pela intencionalidade e sentidos atribuídos às práticas dos professores, pela forma como são desenvolvidos e usados os instrumentos de avaliação, pelo ambiente da sala de aula e pelos novos papéis do professor e dos alunos.

Encarar a avaliação como parte integrante do currículo é a outra dimensão que destaco. Tal forma de olhar a avaliação trás, mais uma vez, implicações para os procedimentos avaliativos. Se tivermos em conta os objectivos curriculares e as metodologias preconizadas, não nos restam dúvidas que, para garantir um currículo internamente coerente, é imprescindível recolher informações sobre as aprendizagens e dificuldades dos alunos através de uma variedade de formas, adequadas à diversidade e natureza dessas mesmas aprendizagens.

Estas linhas de força orientaram muitas das opções tomadas nesta revista, dada a importância que lhe reconhecemos. Sabemos, contudo, que mudar as nossas práticas representa um grande desafio e levanta-nos múltiplas dificuldades. Acresce ainda o facto da avaliação ter grande visibilidade social, criando deste modo fortes pressões sobre os professores. Como afirmou o Paulo ainda há bem pouco tempo, *a avaliação é uma questão complexa, em permanente discussão e geradora de muitas tensões*. Fica a esperança de que este número da revista possa de algum modo contribuir para apoiar o trabalho e investimento que todos temos de continuar a fazer que o nosso querer passe do nível das intenções à realidade do dia a dia da sala de aula de Matemática.

Leonor Santos  
Faculdade de Ciências da  
Universidade de Lisboa